

A displasia da articulação do coxal (DCF) implica-se diretamente como uma das doenças mais observadas nessa região em cães, principalmente nas raças de grande porte, por apresentarem crescimento rápido. O diagnóstico da DCF é fidedigno através do exame radiográfico com as diferenciações do grau pelo índice de Norberg. Esse índice relaciona diretamente o nível da incongruência articular, associado à presença de Osteoartrite (OA) secundária à DCF. Uma das possibilidades de tratamento empregada é a cirurgia de colocefalectomia, por permitir o retorno do animal à função. Essa articulação é um importante meio de estudo histológico do grau de DCF e, também, da OA. O objetivo do estudo foi verificar as alterações histológicas na cabeça do fêmur e, também, a macroscópica, quanto ao grau de OA secundário à DCF. No total, foram coletadas 23 amostras, grupo controle (n = 6) normal, e o restante apresentava sinais de OA secundário à DCF (n = 17) de diferentes raças e pesos, provenientes de atos cirúrgicos de colocefalectomia. As amostras foram conservadas em solução de formalina a 10% e processadas pelos métodos histológicos de rotina, com descalcificação do tecido ósseo e, após seccionadas perpendicularmente em cortes de 4 µm, coradas pela hematoxilina-eosina para análise morfológica. A superfície articular foi avaliada e classificada no ato da cirurgia em normal, fibrilada e fibrilada com exposição óssea. Quantificamos os condrócitos através do método estereológico convencional (GUNDERSEN et al., 1988) com um retículo (área: 62500 µm²) adaptado a um microscópio convencional. Para a avaliação microscópica do grau da área de lesão articular, utilizamos o escore semiquantitativo, em cinco campos randomizados com a graduação de 1 a 6, de acordo com a Sociedade Internacional de Pesquisa em Osteoartrite (OARSI). Foi observada no grupo controle uma destruição articular grau 2 (± 0.5). No grupo com patologia articular, o grau médio foi de 4,39, obtendo um desvio-padrão de 1,33. Observamos que, em relação à contagem de condrócitos dada em porcentagem do grupo controle, foi obtida uma média de 19,96%. Dos 17 animais com DCF, ocorreu uma diminuição na quantidade de condrócitos em média de 10,43%. Já no estudo da quantificação da área lesionada microscopicamente, em relação à avaliação macroscópica, os maiores graus de OA ocorreram nos cães que, na avaliação macroscópica, apresentaram maior destruição de cartilagem e exposição do osso. Em graus acima de 4,5, já havia exposição óssea nessa avaliação, e em grau 2,5, aparência macroscópica normal. Os resultados da contagem de condrócitos estavam dentro da normalidade para o grupo de animais controle. Para os animais operados com lesões crônicas, revelou-se diminuída, evidenciando que não há mais regeneração da cartilagem, mas sim um remodelamento ósseo com deposição de matriz óssea substituindo o tecido cartilaginoso. Assim, concluímos que a cartilagem articular com lesões degenerativas crônicas perde sua capacidade de regeneração, passando somente a remodelar a superfície perdida com depósito de fibrocartilagem. Em lesões leves, compreendidas até o grau 2, a cartilagem é reparada com mais facilidade, devido à intensa produção de condrócitos, na tentativa de reparação tecidual.

Palavras-chave: articulação; osteoartrite; displasia

1 Autor e Médico Veterinário – Trainee do Hovet-Metodista

2 Coorientador, Médico Veterinário e Doutor em Patologia Experimental e Comparada da Universidade Metodista de São Paulo

3 Autor e Graduando em Medicina Veterinária na Universidade Metodista de São Paulo

4 Autor, Médico Veterinário e Diretor do Hovet-Metodista

5 Autor, Orientador e Médico Veterinário da Universidade Metodista de São Paulo, Professor de Cirurgia e Cirurgião Responsável do Hovet-Metodista

Avaliação histopatológica da margem cirúrgica no transoperatório associado à eletroquimioterapia em mastocitoma em cão

Paiva, C. V.¹; Bertolacini, L.²; Parra, A. C.²; Peluso, T.²; Oliveira, D. K.³; Rangel, M. M. M.⁴; Romano, L.⁵

A avaliação histopatológica no transoperatório é realizada nos casos em que o cirurgião precisa decidir entre um procedimento simples ou um mais radical. A lentidão do processo convencional torna impraticável a avaliação transcirúrgica de uma lesão suspeita e, tratando-se de neoplasia maligna, esse fator pode ser decisivo entre o sucesso e o fracasso no tratamento. Neste cenário, pode-se lançar mão da eletroquimioterapia, permitindo que os impulsos elétricos atuem como meio de transporte das drogas para o interior das células afetadas sem comprometer o tecido saudável adjacente. O mastocitoma é uma neoplasia maligna considerada como o tumor de pele de maior incidência em cães, sendo graduado de um a três, de acordo com sua diferenciação. Apesar de ser bem diferenciado, deve ser considerado grau três por alcançar tecido subcutâneo e musculatura, além de estar presente em outros locais da pele. Relata-se caso de cão golden retriever, 9 anos, fêmea, apresentando nódulo de pele em região posterior da coxa de aproximadamente 6 cm de diâmetro, de consistência macia e bem delimitado, sendo notados, em abdômen, pontos nodulares pequenos e despigmentados. Foram realizados exames complementares de imagem, tais como RX de tórax e US abdominal, bioquímica sérica e avaliação citológica dos tecidos comprometidos, que confirmaram a suspeita inicial de mastocitoma. Optou-se pela excisão cirúrgica dos nódulos, respeitando a margem preconizada de 3 cm de diâmetro. Amostras da periferia foram submetidas a exame histopatológico transcirúrgico e não estavam livres de células neoplásicas, momento em que associou-se a eletroquimioterapia como coadjuvante no tratamento. O exame histopatológico no transoperatório mostrou-se de fundamental importância na adequação do procedimento cirúrgico, delimitando a maior margem de segurança possível. Uma vez que não foi possível retirar toda a margem com segurança, a associação da eletroquimioterapia diminui a probabilidade de recidiva da neoplasia.

1 Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Cirurgia e Experimentação / EPM Univeter – Unidade Veterinária Jardim Paulista

2 Univeter – Unidade Veterinária Jardim Paulista

3 Mestre em patologia veterinária pela UFRRJ, Médica Veterinária autônoma

4 Doutorando VPT/FMVZ USP, Médico Veterinário autônomo

5 Mestre em Cirurgia/FMVZ-USP, Icone – Ortopedia e Neurocirurgia Veterinária

Avaliação parasitológica de cães castrados em projeto de controle populacional no Município de Botucatu (SP)

Lima, A. F. M.^{1*}; Schmidt, E. M. S.²; Dias, R. G. S.³

O número crescente de animais de companhia tem estreitado o contato entre o homem e os animais, aumentando a exposição a agentes causadores de zoonoses, como bactérias, fungos e parasitas, muitos deles de caráter emergente^{1,2}. Os parasitas intestinais de cães, além de causarem danos à saúde desses animais, constituem um sério problema de saúde pública, pois podem ocasionalmente infectar o homem, sendo também nele capazes de causar doenças³. Em cães neonatos e jovens, as doenças gastrointestinais estão entre as mais frequentes e importantes². As infecções parasitárias acometem cães de todas as idades, mas usualmente são mais prevalentes em filhotes, pois muitos parasitas utilizam via de transmissão que expõe recém-nascidos ou neonatos, e porque animais jovens não respondem imunologicamente de forma eficaz². Cães são importantes reservatórios de parasitas, contaminando locais públicos e o domicílio, expondo o homem e outros animais a um maior risco de infecção⁴.
². As infestações estão associadas a fatores como situação geográfica, clima,